

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

22 e 28 de Fevereiro de 2024

50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - Revolução

YI ZHI YOU DAO HAI SHUI BIAN IAN / 2020 ... Até Tocar o Azul do Mar

Um filme de Jia Zhangke

Imagem (digital, cor): Yu Lik-Wai / Música: não identificado / Montagem: Jiang-Lai Kong / Som: Yang Zhang (misturas) / Com as presenças de: Ma Feng, Jia Pingwa, Yu Hua, Liang Hong, Jia Zhangke.

Produção: Tao Zhao, para X-Streams Pictures, em co-produção com Huei Brothers Pictures e Kylin Network Movie & Culture Media / Cópia: da Midas (Lisboa), versão original com legendas em português / Duração: 112 minutos / Estreia mundial: Festival de Berlim, 21 de Fevereiro de 2020 / Estreia em Portugal: 24 de Fevereiro de 2022 / Primeira apresentação na Cinemateca.

Ativo desde 1995, com uma obra que já abarca trinta títulos entre ficções, documentários e filmes que misturam as fronteiras entre estes dois polos, Jia Zhangke é considerado, pelo menos na Europa, uma figura central do cinema chinês contemporâneo. A peculiaridade do seu cinema consiste em abordar sistematicamente as profundas mutações ocorridas na China desde o último quarto do século XX (Mao Tsé-Tung morreu em Setembro de 1976), que resultou num sistema político-económico que aparenta ser uma mistura peculiar entre comunismo e capitalismo, avaliando as suas consequências sobre as pessoas. O seu cinema mostra-nos a China, as suas contradições, não num tom de denúncia, mas de constatação. Como qualquer chinês da sua geração, Jia Zhangke, nascido em 1970, viveu na pele a rápida evolução e as turbulentas contradições da sociedade chinesa: estava ele na infância quando foi posto fim à Revolução Cultural e os seus chefes foram liquidados; na adolescência quando a China abriu-se ao mundo e mandou milhares de jovens estudar no estrangeiro para formar futuros quadros; e era um jovem adulto nos anos em que ganhar dinheiro tornara-se uma obsessão coletiva. Embora a noção deva ser abordada com muita prudência num país como a China, nos seus inícios, em meados dos anos 90, o cinema de Jia Zhangke era visto como um tanto “marginal” ou mesmo *underground*. antes que a situação se normalizasse em 2002, quando foram autorizadas a produção de filmes por sociedades independentes e a sua distribuição. Jia Zhangke filma exclusivamente a China do presente, por vezes em situações extremamente precisas, o que o situa na polaridade oposta do cinema oficioso da República Popular, com os seus grandes frescos situados no passado. O seu cinema é formado por uma série de crónicas e, por isto, é absolutamente anti-espetacular: o filme desta sessão, por exemplo, é formado apenas por entrevistas que evocam acontecimentos passados, dos quais não vemos nenhuma imagem, cada entrevistado conta uma história, a sua.

Jia Zhangke aborda a sociedade chinesa de modo sistemático e conta que depois de **Dong** (2006) sobre o pintor Liu Xiadong e **Wuyong** / “Inútil” (2007) sobre o estilista Ma Ke, teve vontade de fazer um filme sobre escritores chineses. Quando descobriu que uma aldeia de Shanxi, a sua região natal, abrigava um importante festival literário foi até lá ver com os próprios olhos o que se passava. Conta ele que “o nosso ponto de partida era filmar o festival e logo nos apercebemos que não se tratava apenas de uma viagem pela literatura chinesa contemporânea, mas também de uma viagem através da história espiritual do povo chinês. Além das conversas literárias, surgiu um novo e inesperado protagonista: os camponeses que habitam as vastas regiões interiores da China”.

O realizador escolheu quatro autores cujo percurso espelhasse a história da China contemporânea a partir de 1949, ano da vitória das forças comunistas. Nascido em 1922, Me Feng encarna o período anterior à Revolução Cultural. *“Nos anos 50, a instauração do coletivismo resolveu alguns problemas e criou alguns outros. Este é o ponto de partida necessário para perceber a nossa atual estrutura social e a nossa literatura contemporânea”*, explica o realizador. Os outros três escritores espelham outros períodos. Nascido nos anos 50, Jin Pingwa foca a Revolução Cultural, *“um período repleto de trauma e da sensação de ser indefeso”*. Yu Hua, nascido em 1960, narra as suas experiências dos anos 80, *“o período «da reforma e da abertura», quando houve um certo degelo social e o individualismo renasceu”*. Liang Hong nasceu em fins dos anos 70 *“e o seu testemunho aborda o tempo presente. Quis dar relevo à última pessoa a aparecer no filme, o filho de catorze anos de Liang Hong. O seu interesse e a sua confusão sobre a sua história familiar permitem-me espreitar o mundo espiritual da nova geração”*.

Narrado de modo contínuo, apesar de seguir quatro percursos diferentes, o filme é dividido em dezoito capítulos, por vezes brevíssimos, de modo a dar uma estrutura ao fluxo narrativo, *“numa estrutura quase musical do mesmo tipo utilizado nos romances chineses clássicos. De início, cada escritor tem o seu capítulo, depois estes têm títulos que evocam coisas que todos conhecemos: comer, amar, a doença. O meu interesse principal neste filme não se limita a revelar acontecimentos sócio-políticos mais vastos, é tentar perceber como estes acontecimentos afetaram os indivíduos. As experiências pessoais, sobretudo descrições pormenorizadas de lembranças individuais, são cruciais para perceber a História. Foi só depois de as explorar que tive a certeza de ter feito autênticas incursões na História”*. Isto é tanto mais importante numa era em que a literatura propriamente dita está em recuo, ao ponto de ser vista por alguns como um derradeiro e ameaçado reduto da capacidade de reflexão e análise da informação recebida. O facto do grande público *“estar feliz por estar cercado por fragmentos de informação nas redes sociais torna a literatura tanto mais importante. A literatura permite aos leitores sentirem a vida através de vívidas descrições. Contar histórias e percebê-las são intimamente relacionadas: o processo de ler também é o processo de perceber”*. Perceber o que está por debaixo da superfície e que se revela ao ser descrito, como em cada um dos quatro depoimentos que formam este filme.

Antonio Rodrigues